

# Johann Natterer e a situação singular de seu legado textual: propostas para uma análise crítica e ideológica de seus discursos acerca do homem brasileiro

Prof. Dr. MONTEZ, LUIZ BARROS, UFRJ<sup>1</sup>

**Resumo** Este texto aborda algumas cartas e fragmentos de Johann Baptist Natterer, principal colecionador na primeira grande expedição científica austríaca no Brasil, que acompanhou a arquiduquesa Leopoldina ao Rio de Janeiro em 1817. A análise crítica de discurso da documentação sobre Natterer, à qual recentemente tivemos acesso durante recente estágio de pós-doutoramento em Viena, exige a conjugação de atividades que interseccionam diferentes disciplinas como a Etno-história, a Linguística e a História das Ciências. Buscamos aqui apontar sucintamente alguns caminhos metodológicos que sistematizam, com base em documentação sobre Natterer inédita no Brasil, o olhar do naturalista sobre o homem brasileiro como manifestação de natureza identitária que procura construir discursivamente o Estrangeiro, o Não-Europeu.

**Resumen** *Este texto aborda algunas misivas y fragmentos de Johann Baptist Natterer, principal coleccionador en la gran expedición científica austríaca en Brasil, que acompañó la Arquiduquesa Leopoldina a Rio de Janeiro en 1817. El análisis crítico del discurso de la documentación acerca de Natterer, a la que tuvimos acceso durante reciente etapa de pos-doctorado en Viena, exige la mezcla de actividades que interrelacionan distintas disciplinas como la Etno-História, la Linguística y la Historia de las Ciencias. Aquí buscamos apuntar sucintamente algunos caminos metodológicos que sistematizan, apoyados en documentación inédita en Brasil sobre Natterer, la mirada del naturalista hacia el hombre brasileño como fundadora de identidad, que busca construir discursivamente el Extranjero, el No-Europeo.*

Em Viena, poucas dezenas de metros separam o Museu de História Natural (*Naturhistorisches Museum*) do Museu de Etnologia (*Museum für Völkerkunde*). Ao turista, pesquisador ou cidadão comum bastam apenas algumas passadas, e em poucos minutos ele tem acesso, nos dois edifícios magníficos que abrigam aqueles museus, a uma das maiores coleções de objetos de história natural e de etnografia, recolhidos no Brasil na primeira metade do século XIX. O responsável por esta coleção, fruto de um trabalho ingente, é um nome bem conhecido dos historiadores brasileiros. Johann Baptist Natterer (1787-1843), o naturalista que colecionou este vasto acervo, percorreu rios, sertões e matas brasileiros numa empreitada única na história das viagens de naturalistas no Brasil, realizada entre 1817 e 1835. Sua realização como colecionador de objetos de história natural, no domínio da botânica, zoologia e mineralogia valeu-lhe o título de “Príncipe entre os colecionadores”, atribuído pelo ornitólogo Philip Lutley Scatler (1829-1913) (*cf.* Riedl-Dorn 2000: 43). No entanto, mais de um século e meio após sua morte ainda paira sobre sua personalidade e realizações certa obscuridade e imprecisão históricas. Suas motivações e verdadeiras intenções científicas suscitam mais perguntas do que respostas. No Brasil, Natterer tem sido aquele viajante e cientista sobre o qual absolutamente todos os historiadores ouviram falar, mas cujas viagens, percalços e sucessos no interior de nosso país poucos conhecem e podem descrever com informações precisas.

1. Este texto é parte de uma pesquisa que contou com o apoio da Capes, CNPq e FAPERJ.

## Motivações e discursos

Muito já se escreveu no passado sobre os motivos que levaram diversos países europeus a organizarem e enviarem expedições científicas a diversas partes do globo nas duas metades do século XIX. A primeira grande expedição científica austríaca no Brasil, que acompanhou a futura Imperatriz do Brasil ao Rio de Janeiro, não foi exceção à regra, e foi analisada – assim como cada um de seus membros, entre os quais Natterer – sob a ótica do desenvolvimento científico e da busca por novas descobertas, da procura por objetos naturais com vistas à composição de coleções e à expansão de acervos e museus etc. Tendências mais recentes nos estudos das histórias das ciências têm abordado a questão das “descobertas” das expedições científicas européias do ponto de vista dos interesses de expansão colonial e da busca e ampliação de influências econômicas e políticas nas partes mais longínquas do mundo, no bojo da disputa entre as potências pela hegemonia capitalista em plagas não européias. Assim, há que se estudar as motivações, os planos e o papel desempenhado por Natterer também sob o prisma de um olhar menos “heróico”, no sentido do “interesse meramente científico”, do seu “amor à ciência”, mas antes vinculado à busca por hegemonia econômica e política dentro e fora dos territórios de uma potência imperial carente de colônias, como era o caso do Império Habsburgo.

O projeto da expedição científica no Brasil e seus desdobramentos foi também certamente motivado pela opinião pública austríaca à época, que alimentava grandes expectativas quanto ao seu êxito. Evidentemente, o vultoso orçamento destinado ao empreendimento no Brasil teve nisso um papel importante, pois impunha às autoridades em certa medida a necessidade de justificarem publicamente tais gastos. Em 1821, chegou mesmo a ser criado em Viena o embrião de um Museu Brasileiro, que, entre outras razões, certamente tencionava atender a estas expectativas de uma opinião pública cada vez mais sequiosa por informações sobre as terras e aborígenes no Brasil<sup>2</sup>. Assim, faz-se também necessário examinar a trajetória de Natterer com base no conjunto do que poderíamos designar contemporaneamente como suas “práticas discursivas”, pois, como veremos mais adiante, o apoio financeiro e científico com o qual o naturalista soube viabilizar seus planos dependeu em boa medida da capacidade de persuasão do naturalista junto a seus superiores, ou seja, de uma clara *estratégia discursiva*. Esta *estratégia* consistiu num conjunto de recursos retóricos empregados em sua comunicação com as autoridades austríacas, responsáveis no Rio de Janeiro pela intermediação entre Natterer e Karl von Schreibers, Diretor do Gabinete Natural em Viena e incumbido pessoalmente por Metternich de dirigir a expedição no Brasil.

O estudo das estratégias discursivas de Natterer no processo de interação com os seus superiores durante a sua longa jornada no Brasil somente tornou-se possível através da disponibilização de suas cartas pessoais, oficiais, rascunhos, diários e anotações diversas relacionadas com aquele evento. Tal disponibilização foi viabilizada em função de um projeto de pesquisa concluído em 2001, apoiado pelo Fundo para a Promoção da Pesquisa Científica dirigido por Peter Kann, à época diretor do Museu de Etnologia de Viena. Desenvolvido pelo pesquisador Kurt Schmutzer, este projeto foi responsável pela reunião e transcrição de todas as cartas, anotações e relatos de Natterer de que se tem conhecimento em Viena, conservados em diferentes arquivos e instituições na capital austríaca. Em termos da história das ciências, esta pesquisa tinha o objetivo maior de, com base na avaliação das informações etnográficas no espólio de Natterer, apoiar o trabalho de aproveitamento e descrição etnológica da coleção Natterer no Museu de Etnologia realizado por Michaela Höldrich e Robert Steile. Não obstante, a importância do levantamento e da transcrição das anotações de Natterer ultrapassou em muito o objetivo apontado, pois reuniu um material abundante sobre as viagens e empreendimentos do naturalista austríaco, e os detalhes de sua prática como pesquisador.

2. Francisco I/II mostrou-se mais tarde contrário ao projeto, e logo após sua morte, em 1835, o museu foi dissolvido, sendo o seu acervo integrado ao Gabinete Natural Imperial, o que foi motivo de grande frustração para Natterer, após o seu retorno a Viena em 1836.

Durante o estágio de pós-doutorado que realizou entre setembro de 2009 e março de 2010 junto à Universidade de Viena, este articulista teve a oportunidade de se entrevistar com o Dr. Christian Feest, à época Diretor do Museu de Etnologia de Viena, e a Dra. Claudia Augustat, responsável neste museu pelo acervo etnográfico da América do Sul, que abrange a coleção Natterer. Pouco tempo depois, travou contato pessoal com Kurt Schmutzer, após o que passamos a estabelecer uma promissora rede de colaboração dedicada à pesquisa sobre Natterer em Viena e no Rio de Janeiro. Na ocasião do encontro com Dr. Feest, foi-nos entregue em mãos um cd-rom contendo todas as transcrições realizadas por Schmutzer em seu projeto de pesquisa. São centenas de documentos inéditos ao público brasileiro, transcritos em caracteres latinos em documentos tipo *Word*. Com este conjunto de textos demos início, após o nosso retorno de Viena, à tradução das centenas de documentos nunca acessíveis aos leitores de língua portuguesa, que num futuro próximo revelarão a um público amplo aspectos certamente relevantes inéditos sobre as atividades do naturalista austríaco durante o período assinalado. Neste pequeno artigo, são trazidos de forma muito sucinta alguns aspectos relacionados a estas investigações futuras acerca de Johann Natterer e a expedição científica no Brasil com base nestes documentos inéditos.

### “Sábio” ou colecionador?

De uma forma geral, no Brasil pouco mais se sabe sobre o viajante e naturalista além do que divulgam os acervos documentais contendo os relatórios oficiais relativos à expedição científica austríaca de 1817 que acompanhou a chegada ao Brasil da Arquiduquesa Leopoldina, então já casada por procuração com o Príncipe D. Pedro, futuro Imperador do Brasil. Estes relatórios, que descrevem as atividades da expedição, eram enviados por Natterer (assim como pelos demais membros da empreitada científica) a dois responsáveis distintos, representando cada um deles uma instância institucional própria. Ele enviava seus relatos oficiais a Karl Schreibers, então diretor dos “Reais Imperiais Gabinetes Unidos (*K. K. Vereinigte Naturaliencabinete*, assim chamados por decreto de 1806 de Francisco I/II, simultaneamente Imperador da Áustria e do Sacro Império Romano-Germânico). O outro destinatário era um dos Embaixadores ou Encarregados de Negócios do momento, isto é, diplomatas austríacos que se alternaram no período de permanência de Natterer no Brasil. Estes relatórios compõem o conjunto de textos que compõem quase que exclusivamente a totalidade das fontes de pesquisa para os pesquisadores (*cf.* Ramirez 1968: 123-152).

Poder-se-ia perguntar por que Natterer não empreendeu, a exemplo dos bávaros Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Philipp von Martius (1794-1868), ou de Johann Emmanuel Pohl (1782-1834), da Universidade de Praga – todos os três participantes da mesma expedição de 1817 – a redação de um relato contendo a síntese de suas viagens. Natterer recusou-se sempre a fazê-lo, por entender que isso não era da sua responsabilidade nem de sua capacidade. Daí a inexistência de todo e qualquer volume mais abrangente de caráter autobiográfico, contendo informações abrangentes e sistemáticas sobre suas viagens e atividades de colecionador. O trabalho de reconstituição de seus passos tem que se dar, portanto, nos marcos de uma criteriosa comparação de textos oficiais e não oficiais, das cartas a Schreibers e aos seus superiores e das cartas enviadas ao irmão e a alguns amigos – com destaque, em particular, a Antônio Luiz Patrício da Silva Manso<sup>3</sup>. Somente a remontagem deste quebra-cabeça textual possibilita-nos reconstituir o trajeto e as vicissitudes do naturalista, particularmente após o retorno dos demais membros da expedição a Viena, em 1821, à exceção de Natterer e Sochor.

Por outro lado, Natterer foi o único membro da expedição cujos relatórios originais se mantiveram até os dias de hoje, isto é, não passaram pelo crivo da seleção, exclusão, correção, reflexão e alteração que redundaram nos relatos sistemáticos que hoje conhecemos. Suas anotações

3. Cirurgião-mor em Cuiabá de quem Natterer tornou-se grande amigo e muito o ajudou a partir de 1824, quando o conheceu na ocasião em que contraiu grave inflamação no fígado e por ele foi tratado.

encontram-se sempre próximas aos acontecimentos por ela relatados. Seguem via de regra um modelo narrativo com dois momentos básicos: recapitulação das movimentações realizadas desde o último relato realizado, e descrição de fatos eventuais mais relevantes, como atrasos, adiamentos, estadas e observações mais gerais; listagem quantitativa do que foi colecionado e breve descrição dos objetos mais relevantes no conjunto, do ponto de vista da história natural; por fim, descrição dos acontecimentos do momento e dos próximos passos a serem dados. Tal esquema permite ao leitor-pesquisador um olhar extraordinariamente rico sobre o dia-a-dia do naturalista, particularmente dos seus contatos com as populações locais, seus choques com as culturas locais em cada região percorrida, derivados não raramente de seu olhar profundamente eurocêntrico. Para além de suas motivações científicas, suas motivações ideológicas mais profundas manifestam-se em ocasiões concretas que, normalmente escoimadas dos relatos retrabalhados nas obras destinadas a publicação na forma de livros, tornam-se invisíveis na superfície do discurso.

### Textos e metodologia

Se circunscrevermos a questão da relativa escassez de informações sobre as atividades de Johann Natterer durante os seus 18 anos de permanência no Brasil ao acesso às fontes que as relatam, podemos constatar inicialmente duas ordens de problemas: a primeira, a necessidade de se investigarem as cartas de Natterer aos sucessivos Embaixadores e Encarregados de Negócios da Áustria no Rio de Janeiro, e que eram em seguida reenviadas à Chancelaria de Estado em Viena. Com relação a estas cartas, é preciso também dizer que elas somente podem ser interpretadas à luz das atas de instruções de serviço, bem como de outros textos que documentam o planejamento e a organização das tarefas a serem executadas por cada um dos membros da expedição. Estas atas e minutas foram expedidas pelo governo imperial antes e durante a expedição, e iam sendo repassadas aos membros da expedição ao longo do seu desenvolvimento pelos diplomatas e encarregados austríacos em exercício no Rio de Janeiro. Estes documentos conservaram-se até os dias de hoje, e encontram-se fundamentalmente no Arquivo do Estado e da Corte austríacos (*Haus- Hof- und Staatsarchiv*). Além destas atas, destacam-se também, na Seção de Manuscritos da Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena (*Wiener Stadts- und Landesbibliothek*), 32 cartas de Johann Natterer escritas entre 1817 e 1835 e duas cartas de 1836, além de cópias de cartas escritas entre 1837-1839. São em sua maioria endereçadas ao irmão, Joseph Natterer, que à época da viagem pelo Brasil ocupava o cargo de Conservador (*Kustos*) do Gabinete Natural em Viena.

A segunda ordem de problemas deve-se à perda da quase totalidade das cartas originais de Natterer a Schreibers, ocorrida por ocasião dos levantes revolucionários em Viena em 1848. Incêndios, que se alastraram como consequência do bombardeio da cidade ordenado pelo Príncipe Windischgrätz, destruíram parte do Gabinete Natural da Corte (*Hofnaturalienkabinet*), sua biblioteca e parte da residência de trabalho do diretor Schreibers. Tal catástrofe aniquilou não somente esta documentação original, mas também, entre outros acervos, a totalidade dos desenhos e pinturas de Buchberger, também ele membro da expedição científica trazida por Leopoldina ao Brasil. Em vista disso, tanto maior é a importância de um convoluto de cartas, certamente o mais importante e interessante acervo documental sobre Natterer, conservado atualmente pela Seção de Autógrafos do Museu de Etnologia de Viena. Trata-se de uma coleção importantíssima de 162 cópias e rascunhos de cartas escritos por Natterer entre 1817 e 1836. O naturalista os fazia por segurança, e os havia conservado separadamente como reserva, precisamente para conservá-los ao abrigo de perdas durante os transportes, deteriorações, acidentes, da crítica roedora dos ratos etc.

A dispersão das cartas de Natterer, por um lado, e a perda de inúmeros documentos oficiais, isto é, de suas cartas ao Diretor do Gabinete Natural Karl von Schreibers em que relata minuciosamente todos os planos, passos e resultados de suas incursões, por outro lado, tornam tanto mais valiosos os documentos nos arquivos do Museu de Etnologia de Viena do ponto de vista da reconstituição

historiográfica das atividades de Johann Natterer no Brasil. Para esta reconstituição, além disso, é necessário que se faça o confronto das inúmeras instruções de serviço, expedidas de Viena com as prestações de contas, justificativas de adiamento, solicitação de recursos etc. efetuadas pelo naturalista. Somente assim, poder-se-ão reconstituir as estratégias empregadas, as decisões tomadas por Natterer diante das inúmeras situações inesperadas, que lhe permitiram colecionar, conservar, acondicionar e enviar para Viena a extraordinária quantidade de objetos tal como ele o realizou em terras brasileiras.

As instruções, inicialmente expedidas pela Chancelaria a todos os membros da expedição científica de 1817, mas depois, após o retorno da quase totalidade dos cientistas, preparadores, pintores e botânicos, dirigidas exclusivamente a Natterer, que prosseguiu seu caminho com Sochor, podiam ser vistas como um instrumento disciplinar de caráter até certo ponto genérico. Definiam as posições hierárquicas e as atribuições de cada um, ordenavam a fixação por escrito das atividades e a descrição dos objetos recolhidos através de diários e relatórios, e o estrito monopólio imperial sobre todo o acervo amealhado em terras brasileiras. Mas eram instruções generalizantes, que poderiam ser flexibilizadas em cada situação específica vivida pelos membros da expedição. Daí a enorme importância de se compararem as instruções, sempre repassadas aos viajantes pelo sucessivos representantes diplomáticos da Áustria no Brasil com residência no Rio de Janeiro, com as cartas de Natterer ao diretor Karl von Schreibers, seu superior hierárquico em Viena. Estas trocas de correspondências tornavam-se cada vez mais esparsas no tempo, e as respostas tornavam-se cada vez mais demoradas, à medida que Natterer avançava no interior do território brasileiro. Já nas proximidades da Amazônia, algumas mensagens levavam algumas vezes mais de um ano até chegarem ao destinatário, sendo que a sua comunicação com Schreibers interrompeu-se durante dois longos anos, entre 1832 e 1834, por dificuldades impostas por circunstâncias absolutamente inóspitas em meio à selva.

Como já foi dito, as instruções da Chancelaria de Viena destinadas a Natterer ordenavam ao naturalista a realização de diários de suas atividades. Tudo indica que estes diários e anotações realmente existiram. Uma carta oficial de Schreibers a um alto funcionário em 1836 faz menção de “Jornais, notas geográfico-estatísticas, observações sobre usos e costumes, caráter e língua de mais de 70 diferentes tribos e hordas” escritos por Natterer e que estavam disponíveis para a leitura. Diversos outros trechos e fragmentos, atualmente encontráveis em arquivos na Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena e no Museu de História Natural da capital austríaca, dão a impressão de pertencerem a diários e anotações com o mesmo caráter. Com base na certeza de sua existência, durante longos anos estes diários foram considerados perdidos, provavelmente queimados nos distúrbios de 1848. Tal suposição perdurou até o ano de 1976, quando o pesquisador Ferdinand Anders encontrou na cidade suíça de Basileia, em meio aos documentos do espólio do suíço Johann Jakob von Tschudi, diplomata e pesquisador da América do Sul (1818-1889), um manuscrito com listas de vocábulos e anotações etnográficas da autoria de Natterer. Este achado extraordinário foi a comprovação de que pelo menos parte de seus diários não estava em Viena durante a catástrofe de 1848. Em “Contribuições à etnografia e à linguística da América, em especial do Brasil” (1867) Carl Philip Friedrich von Martius cita anotações de Natterer que Tschudi lhe teria repassado: “As notas do diário de Natterer eu agradeço ao meu amigo von Tschudi, a quem foi dada a posse das mesmas” (apud Schmutzer 2007: 20).

### **Discursos oficiais e não-oficiais**

Observamos, portanto, dois planos discursivos no espólio textual de Natterer chegado até nós, o plano oficial e o não-oficial, aos quais correspondem respectivamente uma linguagem formal e uma informal.

A título de exemplo, tomemos para comparação um dos raros fragmentos de seu diário e parte de seu relato oficial, ambos os textos sobre uma visita a uma aldeia indígena (da tribo dos baniva) em Barcelos, na região amazônica, no ano de 1831. O relato oficial a Schreibers limita-se a registrar o seguinte:

Numa [aldeia] eles empreenderam uma dança à sua maneira, onde todos os dançarinos sopravam ao mesmo tempo sempre os mesmos sons num chifre confeccionado por um trançado recoberto de pixe. 2 dos dançarinos tinha ainda em volta dos tornozelos um fio aos quais fixava-se uma porção de metades de cápsulas de sementes que causavam um forte estrépito, tal como as garras de veados dos boboros. Eu os servi com aguardente e comprei os seus instrumentos musicais, assim como algumas zarabatanas, redes, arcos e flechas e setas envenenadas e alguns cocares de penas etc. As flechas desta nação, assim como a dos vaupés, não possuem barbatana de pena, e as pontas são fortemente envenenadas (carta de Natterer a Schreibers, 21 de agosto de 1831, Arquivo do MVK).

No diário, assim são os apontamentos sobre a mesma visita:

A povoação consiste de 6 casas. O principal se chama João e estava ausente [...] Um índio velho, Joao Valenti, mandou imediatamente 3 índias, das quais só duas usavam um vestido, abrirem um caminho para a canoa entre o mato alto. A 3ª tinha somente um pedaço de casca de árvore sobre a púbis. Quando o caminho ficou pronto eu presenteei as índias com conchas de vidro e anéis e visitei o velho, que como quase todos os outros índios falava a língua geral. Sua casa era espaçosa. Na parte de trás sentavam as mulheres em torno de um fogão onde elas torravam farinha. Eu presenteei a dona de casa com uma tesoura e o homem com anzóis e recebi em troca uma zarabatana e farinha. Ele tinha uma bacia tremendamente grande, fabricada num tronco de árvore, em casa, na qual a massa de mandioca ou bejus amolece na água, fermenta por uma semana, que passa então a se chamar cachiri e é uma bebida inebriante. Os beschus, que são muito grandes, são primeiro umedecidos em água e esticados em cascas de banana sobre o chão, são cobertos pelas mesmas, onde ficam ao longo de 8 dias até ficarem quentes, então ficam ao longo de 8 dias na bacia. À noite eles empreendem uma dança. Eram 4 índios, cada um com um longo instrumento de sopro, buzina, berrando e dançando para cima e para baixo, e levantando e abaixando a cabeça e mantendo baixo o chifre. A eles se juntaram mais 3 índias que se mantinham sempre de braços dados com 2 índios. Eu servi a todos com aguardente. Todas as mulheres todas estavam vestidas com toalhas de algodão, saias azuis muito sujas, mas todos sem camisa. O velho principal também estava presente. A dança foi na casa de uma violante, que era um pouco civilizada e vestia uma camisa. Para que eu me sentasse esticou uma rede. Eu a presenteei com um lenço de assoar que a tinha agradado tanto que ela queria comprar, o que a deixou muito contente. Por volta da meia-noite eu retornei à barca. Dois dos dançarinos tinham um fio no qual estavam amarrados metades de sementes de cipó, amarrados ao tornozelo de um dos pés, que causava um forte estrépito durante a dança. Era semelhante ao butolé de garras de veados dos bororos. Eu negocieei um tal chocalho por 2 facas, e deve provir da parte de cima da içana, dos índios de lá. Eu negocieei algumas buzinas e farinha. As paredes das casa eram feitas de folhas de bananeiras, da mesma forma algumas divisórias das mesmas (fragmento de diário, de 26-27 de junho de 1831, Arquivo do Museu de História Natural).

O contraste entre os dois discursos é claro, e não somente quanto à dimensão de ambos. Enquanto o diário estende-se por detalhes, que invocam percepções oculares de ordem pessoal,

mesclado com opiniões subjetivas, o relato oficial propõe um distanciamento, um não envolvimento afetivo, uma economia textual pautada pelo discurso objetivo. A descrição oficial é da ordem do pictórico, enquanto a do diário é da ordem do cronológico. A escolha do *pitoresco* em detrimento do *poético* sugere a tentativa do naturalista de projetar na imaginação de seus superiores a imagem de uma exposição, de uma vitrine, em que o que importa é a imagem objetiva, e não a imaginação subjetiva. Ainda que estes indícios sejam tênues em ambos os fragmentos mencionados eles são eloquentes quanto à relevância do estudo dos discursos oficiais e não-oficiais de Natterer em perspectiva comparativista.

Neste sentido, de igual importância são as cartas do naturalista ao irmão Joseph. Nestas cartas, observam-se discursos muito distintos daqueles endereçados a Schreibers, ao Imperador Francisco I/II e ao Chanceler Metternich, que acompanhavam pessoalmente os passos de todos os membros da expedição enviada em 1817. Observa-se uma boa distância entre o tom e o conteúdo de sua correspondência oficial e não-oficial. Após o retorno a Viena da maioria dos membros da expedição, Natterer precisou justificar continuamente os seus sucessivos pedidos de adiamento de seu retorno endereçados a Metternich, bem como por mais recursos pecuniários destinados a seu sustento e ao envio de sucessivas remessas de objetos coletados. Em sua correspondência oficial, percebe-se claramente como Natterer se esforça em descrever com um máximo de otimismo suas perspectivas de acesso aos objetos de história natural e etnográficos, com os quais pretendia aperfeiçoar continuamente os acervos dos Gabinetes Imperiais em Viena, como o faz a seguir:

Caso eu tenha a felicidade de alcançar o rio Amazonas, então certamente Vossa Senhoria Ilustríssima certamente me concederá a permissão para percorrer esta corrente, até onde for domínio do cetro brasileiro, para adentrar o rio Negro. Por que eu não deveria ainda aproveitar este tempo, uma vez que já me encontro aqui e para onde não tenho mais a esperança de retornar algum dia, e para onde provavelmente ninguém da corte austríaca será mandado tão cedo para arranjar coleções. Decerto que eu compreendo que já estou sobre solo brasileiro há muito tempo, eu compreendo que eu – certamente que impedido por um encadeamento de circunstâncias – avanço apenas lentamente e tive até o momento tão baixo desempenho, eu compreendo que Sua Majestade, que tão clemente e generosamente concedeu o prolongamento de minha viagem, possa ter afinal se tornado inclemente em função de minha longa ausência, mas eu tenho firme confiança na aquiescência bondosa e vigorosa de Vossa Senhoria Ilustríssima, pois estou convencido de que o enriquecimento e o embelezamento do Museu Imperial, que sob a direção de Vossa Senhoria Ilustríssima alcançou um tão alto grau de perfeição é muito caro a Vossa Senhoria Ilustríssima (carta de Natterer a Karl Schreibers, de Cuiabá, em fevereiro de 1825, Arquivo do MVK).

Por outro lado, é igualmente digno de nota o esforço do naturalista em omitir seus medos e inseguranças, suas experiências pessoais negativas e seus infortúnios. Particularmente visíveis são as diferenças no modo como Natterer descreve seus problemas de saúde a Schreibers, quase sempre de modo lateral, como algo rapidamente superável, e no modo que escreve a seu irmão Joseph. Natterer jamais escreveria ao Diretor do Gabinete Natural sobre sua saúde como escreveu ao irmão do Paraná:

Eu mesmo não estava saudável, decerto que não acamado, mas com frequência eu quase não podia andar. Eu tinha dores nas juntas, que alternavam ora num pé, ora no outro, logo nos ombros, na coluna, nos quadris, cotovelos, até mesmo nos pulsos. (...) Não conseguia de modo algum andar a cavalo (carta a Joseph Natterer, de 29 de agosto de 1823 no Arquivo do Museu de Etnologia, MVK).

Àquela altura, uma carta assim nas mãos de Metternich poderia significar o fim de seu empreendimento no Brasil e o imediato retorno à Viena.

Em suma, sempre que possível Natterer omite em sua correspondência oficial as circunstâncias pessoais penosíssimas de sua viagem. Em seus relatórios, a ênfase recai sempre sobre as extraordinárias chances de ampliação das coleções imperiais, e nisso consistiu sua permanente estratégia (bem-sucedida!) de prolongamento de sua estadia e de obtenção de recursos financeiros para a sua expedição. Através de Schreibers, Natterer fazia chegar ao conhecimento de Metternich e do Imperador as perspectivas promissoras que o Brasil oferecia para os museus de Viena nos domínios vegetal, animal e mineral. Natterer sabia que as promessas de suas cartas oficiais alcançavam ouvidos sensíveis aos ideais científicos que defendia.<sup>4</sup>

### Considerações finais

Ao historiador que se proponha a entender as motivações científicas e ideológicas que levaram Johann Baptist Natterer a atravessar o Brasil por 18 anos em condições por vezes tão extraordinariamente adversas, torna-se indispensável, como vimos, o trabalho exaustivo com textos, em sua quase totalidade da autoria do próprio naturalista, quando se trata do cotidiano do colecionador. Como vimos, tal trabalho tornou-se problemático após a destruição da correspondência original de Natterer a Schreibers. Acresce-se a esta dificuldade a necessidade de se confrontar os bosquejos e cópias daquela correspondência, preservadas no convoluto no Arquivo do Museu de Etnologia de Viena, com as cartas ao irmão e aos amigos, nas quais o viajante austríaco escassamente dá vazão a seus sentimentos e angústias pessoais.

À guisa de conclusão, uma última observação. Assim como revelam coisas não explícitas nos relatos oficiais, as cartas, fragmentos e anotações de caráter pessoal também podem simular situações inexistentes ou hiperbolizados (como é o caso das queixas de Natterer ao irmão acerca de sua “solidão”, que certamente nunca existiu em termos objetivos).

Por tudo o que escrevemos, concluímos que a pesquisa da documentação sobre Natterer e sua expedição no Brasil, sua análise e elaboração crítica exigem do pesquisador a conjugação de atividades que, no conjunto, atravessam diferentes disciplinas como a História, a Linguística e a Etnologia. Com este texto, procuramos de forma muito sucinta somente apontar alguns caminhos neste longo e fascinante desafio representado pelos escritos de Natterer há pouco reunidos pelo Museu de Etnologia de Viena.

### Referências bibliográficas

- BRENNER, P. Die Erfahrung der Fremde. Zur Entwicklung einer Wahrnehmungform in der Geschichte des Reiseberichts. In: BRENNER, P. (Ed.). *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989. pp. 14-49.
- MAURER, Michael. Reiseberichte. In: MAURER, M. (Ed.) *Aufriß der Historischen Wissenschaften in sieben Bänden*. Stuttgart: Philip Reclam jun., 2002. Bd. 4 (Quellen). pp. 325-348.
- RAMIREZ, E. S. *As relações entre a Áustria e o Brasil (1815-1889)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasileira, 1968. 260 p.
- RIEDEL-DORN, C. *Haus der Wunder. Zur Geschichte des Naturhistorisches Museums in Wien*. Wien: s.e., 1998. 308 p.
- \_\_\_\_\_. *Johann Natterer und die Österreichische Brasilienexpedition*. Petrópolis: s.e., 2000. 192 p.

4. Francisco I/II foi, ele próprio, grande amante da botânica. Por outro lado, é conhecida dos historiadores brasileiros a paixão de Maria Leopoldina pela mineralogia, certamente por influência do pai.



- SCHMUTZER, K. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835*. 2007, 293p. Tese (Doutorado em História). Universidade de Viena, Viena, 2007.
- SCHREIBERS, K. von. *Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*. Brünn: Joseph Georg Traßler, 1820. 192 p.
- \_\_\_\_\_. *Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*. Brünn: Joseph Georg Traßler, 1822, 334 p.
- SIEMANN, W. *Metternich. Staatsmann zwischen Restauration und Moderne*. München: C. H. Beck, 2010. 128 p.
- STEINLE, R. *Historische Hintergründe der österreichischen Brasilienexpedition (1817-1835) mit einer Dokumentation der Bororo-Bestände aus der Sammlung Natterers des Museums für Völkerkunde in Wien*. 2000. 142p. Tese (Doutorado em História), Universidade de Viena, Viena, 2000.
- WAGNER, W. J. *Bildatlas zur Geschichte Österreichs*. Salzburg: A&M, 2009. 271 p.